

**SER OU NÃO SER: REPRESENTATIVIDADE POLÍTICA
DA PERSONAGEM CLAUDIUS, EM “HAMLET”**

Adelson Oliveira Mendes (UNEB)
adelsonoliveiramendes@gmail.com
Adriana Gomes (UNEB)
abgomes@uneb.br

RESUMO

A pesquisa fomenta as práticas política da personagem Claudius na peça “Hamlet” (1601), representando o governo Inglês dos séculos XV e XVI. Articular as ações escrita por Shakespeare através da teoria literária e política contra e a favor das práticas governamentais escritas na personagem Claudius, focará o destaque da relevância da representatividade shakespeariana. Práticas política que levou ao título dessa escrita: *Ser ou não ser: representatividade política da personagem Claudius, em “Hamlet”*. As evoluções política de Claudius serão discutidas, destacando as atuações dessa personagem e pautando as decisões autônomas voltadas a seu porte político, com a finalidade de maiores contribuições interpretativa para o leitor dessa personagem. Claudius atuou na política e teve grandes realizações enquanto rei, representatividade e semelhança a Elizabeth I. Shakespeare com a sua obra “Hamlet” (1601), possuiu fortes alcances críticos literários e políticos.

Palavras-chave:
Claudius. Elizabeth I. Política.

ABSTRACT

The research promotes the politics practices of character Claudius in the piece “Hamlet” (1601), representing the English government of the XV and XVI centuries. Articulating the actions written by Shakespeare through literature and politics theory against and in benefit of governmental practices written in character Claudius, will focus on emphasizing the relevance of Shakespearean representation. Politics practices that led to the title this writes: *To be or not to be: political representation of the character Claudius, in “Hamlet”*. Claudius’ politics evolutions will be discussed, pointing the performances of this character and guiding the autonomous decisions aimed at his politics size, with the purpose of greater interpretative contributions for the reader of this character. Claudius acted in politics and had great achievements as king, representativeness and similarity to Elizabeth I. Shakespeare with his work “Hamlet” (1601), had and has strong literature and politics critical reach.

Keywords:
Claudius. Elizabeth I. Politic.

1. Introdução

A tragédia “Hamlet” (1601) do bardo inglês William Shakespeare, apresenta inúmeras faces interpretativas criando nuances muitas vezes complexas. Tal peça shakespeariana, centrada na época renascentista, apresenta os trâmites políticos internos à coroa e à sociedade dinamarquesa hamletiana. No decorrer das encenações dentro da peça, surge Claudius, uma personagem de destaque e que carece de certas atenções e análises quanto à sua postura de rei, principalmente, frente à mudança no estilo de reinado na Dinamarca hamletiana, quer dizer, a substituição de uma imagem de rei beligerante, por um político estrategista com inteligência diplomática e doméstica, representada por Claudius.

A inteligência diplomática e doméstica é observada nas atribuições de funções aos súditos por Claudius, durante as funções e tarefas que surgiram no seu comando da coroa. Foram súditos com funções que atuaram nas tarefas da corte dinamarquesa hamletiana e funções pessoais do rei, como por exemplo, assassinar o príncipe. Tais atribuições de Claudius mudaram o estilo da administração da corte, por exemplo: atribuições de funções aos súditos; envolvimento pessoal do então rei com a população interna do castelo e uma vez, na peça, com a população externa; acompanhamento das funções dos súditos por Claudius.

A relevância dessa pesquisa residiu na possibilidade de, através de releituras e críticas literárias, realizar novas interpretações e contribuições acerca da análise das táticas políticas presentes em “Hamlet” (1601), de Shakespeare, levando em consideração os aspectos que caracterizam a personagem Claudius como rei.

Como é arquitetada a imagem de liderança na personagem Claudius para o reino de Elsinore/Dinamarca hamletiana, utilizou-se a metodologia bibliográfica qualitativa para coleta das asserções teóricas firmadas na crítica literária. Utilizaram-se os seguintes teóricos literários shakespearianos na fundamentação de tal artigo: Heliadora (2004–2005), Bradley (2009), Amora (2006), Knight (1967), Updike (2000), Bloom (1995; 2001; 2004), Frye (2011), Santos (1965), Nuttall (2007), Johnson (1996) e Mendes e Prado (2019); e outras ideias críticas, como as de Foucault (1999; 2002; 2006) e George (2012).

2. A política do século XVI por *Claudius shakespeareano*

As atitudes da personagem Claudius como rei, na peça “Hamlet” (1601), posiciona a crítica literária como juíza política. Quando consultados os Atos II e III de tal peça, notar-se-ão algumas decisões tomadas por Claudius, o então rei atribuiu a função de embaixadores para a Noruega à Voltimand e Cornelius para negociação com o rei norueguês sobre a possível invasão do príncipe da Noruega a terras Dinamarquesas hamletiana, com a possível proposta de cortar caminho para a Polônia; após a volta dos súditos das terras norueguesas, Claudius questiona-os quais foram às palavras do rei norueguês. Shakespeare (2015, p. 683) escreveu a possível desobediência medievalista da Noruega nessa negociação: “Most fair return of greeting and desires”; a invasão do príncipe norueguês observável pelo leitor, no Ato V/Cena II; e determina aos súditos Rosencrantz e Guildenstern que viagem à Inglaterra para cobrança de tributos também.

Welcome dear Rosencrantz and Guildenstern! Most fair return of greeting and desires. Upon our first, he sent out to suppress his nephew's levies; which to him appear'd to be a preparation against the Polack [...] Moreover that we much did long to see you, the need we have to use you did provoke our hasty sending [...] And, England, if my love thou hold at aught, - as my great power thereof may give thee sense, since yet thy cicatrice look raw and red after the Danish sword, and thy free awe pays homage to us - thou mayst not coldly set our sovereign process; which imports at full, by letters conjuring to that effect. (SHAKESPEARE, 2015, p. 681/82-699)

Shakespeare⁵⁴ trabalhou/escreveu Claudius como uma figura bastante questionável, notório na tentativa de institucionalizar o seu poder no reinado dinamarquês hamletiano em pleno renascimento, mas com um grande sucesso institucional. Primeiramente, Polonius permanece como mordomo, mas com uma força maior nas suas responsabilidades profissionais. Rosencrantz e Guildenstern, como supracitado, desenvolvem as funções adequadamente, mesmo tendo um fim trágico. Laertes e o príncipe Hamlet exercem suas funções bastante duvidosas, pois há vontade própria em ambos: Laertes em vontade familiar, mesmo sem conhecer o ocorrido, vem ao trono dinamarquês hamletiano desejando vingar o assassinato de seu pai Polonius; O príncipe Hamlet encontrava o tio (o então rei) e apresentava, após a revelação do possível fantasma do seu pai,

⁵⁴ Shakespeare é, acima de todos os escritores, ao menos de todos os escritores modernos, o poeta da natureza, o poeta que apresenta a seus leitores um espelho fiel dos costumes e da vida (JOHNSON, 1996, p. 37).

comportamentos que demonstrava a sua futura feitoria (Ato IV/Cena VI-I): vingar a morte do seu pai rei Hamlet⁵⁵.

Dentre todas as personagens citadas, a única personagem que confrontava o rei era o príncipe Hamlet, seu sobrinho. Segundo Nuttall (2007), essa ocorrência se dava devido Claudius ter realizado o seu desejo: casar com a mãe e assassinar o pai para domínio da realeza. Como argumenta Bloom (2001, p. 534), “o único inimigo loquaz de Hamlet é o próprio Hamlet”⁵⁶. Claudius exerce seu poder de forma autônoma e independente de outro reino. A condição financeira oportunizava Claudius a exercer seus apetites abundantemente (Ato II/Cena II), pois matinha a constante cobrança de impostos aos países vizinhos. A priori Shakespeare⁵⁷ escreveu, segundo Heliodora⁵⁸ (2005, p. 40), o que acontecia no seu tempo: golpes políticos. “Em 1569, os nobres da Inglaterra (...) levantaram-se contra Elizabeth, no intuito ao menos remoto de colocar no trono a católica Mary Stuart”.

Tal substituição do rei Hamlet por Claudius ocorreu no trono, considerando tal fato na peça e a crítica literária, e se deu através de assassinato – cultura medievalista. A medida tomada por Claudius para alcançar o poder foi altamente considerada pelo príncipe Hamlet, informado pelo fantasma – ganhadores de suportes na teoria religiosa da época dentro do continente europeu; talvez Claudius desconfiava da intenção do sobrinho em mata-lo devido o assassinato do seu pai/irmão. Original tal dúvida do conhecimento do sobrinho por Claudius sobre a sua feitoria que decide enviar o sobrinho à Inglaterra (Ato III/Cena III) e é, também, tentado, por Laertes na prática cultural de luta com espada – realização também de Claudius (Ato V/Cena II), à morte. Laertes conhece por Claudius o verdadeiro motivo da morte de Polonius e decide vingar a morte de seu pai, então vai aos planos para vingar a morte do mordomo e eliminar o culpado por essa perda: o príncipe Hamlet e encontra, natu-

⁵⁵ In *Hamlet* death is at one point conceived not in the usual terms of heaven and hell but as *an undiscovered country* (NUTTALL, 2007, p. 364).

⁵⁶ The reason is that Claudius, in removing the sexual partner of Hamlet’s mother, did what Hamlet himself wanted done; he removed the rival. In striking Claudius, Hamlet would be striking himself, of a projection of himself (NUTTALL, 2007, p. 199).

⁵⁷ Shakespeare, inclusive, viveu numa época em que a política não era aceita como atividade independente, havendo por isso mesmo uma permanente ligação entre os aspectos políticos e os mortais e religiosos (HELIODORA, 2005, p. 18).

⁵⁸ Comando Tudor: Henrique VIII, Edward VI, Joana Grey, Mary Stuart – Mary I e Elizabeth I.

ralmente, o plano de Claudius em eliminar o príncipe pois configurava como forte incomodo real. Knight (1967, p. 38) elogia Claudius e diz que o sobrinho era um perigo para o Estado: “As King, he could scarcely be expected to do otherwise. Hamlet is a danger to the state”.

Além de Knight (1967), Bradley (2009) diz que Claudius não recebe a atenção adequada do leitor e isso é visto na crítica literária, poucos literários defendem com extensão a personagem Claudius.

O rei Cláudio raramente obtém do leitor a atenção que merece [...] Em nenhum momento mostra covardia e, quando Laertes e a multidão invadem o palácio, enfrenta a perigosa situação de forma serena e hábil. (BRADLEY, 2009, p. 123)

A habilidade ‘democrática’ para as funções reais no comando da corte dinamarquesa hamletiana⁵⁹ por Claudius é notável quando manda os súditos para cobrança de tributos à Inglaterra e quando enviou, também, os súditos para negociação na Noruega.

Shakespeare com essa sua escrita no século XVI segundo Bloom (1995), considerando a representação das ações políticas do seu tempo, – “A Inglaterra, à época de Shakespeare, ainda estava lutando para sair da barbárie” (JOHNSON, 1996, p. 54) – desenvolveu a personagem Claudius (além de Stratford-upon-Avon, Shakespeare utilizou também a sua experiência/vivência *real* de Essex e utilizou essa sua realidade como verdade escrita em “Hamlet” (1601)⁶⁰). Heliadora (2005) nos apresenta em sua obra, *O homem político em Shakespeare*, traços do tempo em que Shakespeare viveu. Inclusive, segundo a autora, seu pai era membro do poder municipal, como afirma Heliadora (2005, p. 37), “(...) em 1565, John Shakespeare foi chamado a servir como *alderman*, ou seja, membro do conselho executivo do governo municipal”. A experiência de vida e a vontade representativa deve ter impulsionado Shakespeare a escrever sua peça. O ato político expressado/representado na personagem Claudius deve ter sido a expressão da realidade do grande autor inglês.

Considerando a experiência (BLOOM, 1995) e a representação de Shakespeare (FOUCAULT, 1999; 2002), a personagem Claudius reali-

⁵⁹ Mas ele é muito interessante, tanto psicológica como dramaticamente. Por um lado, não é desprovido de qualidades respeitáveis. Como rei, é cortês e nunca indigno do trono; desempenha seus deveres cerimoniais com eficiência; e cuida com desvelo dos deveres cerimoniais (BRADLEY, 2009, p. 123).

⁶⁰ Prefere desconfiar de atos infames depois que o conde traiu Richard Hesketh, o não conformista nascido em Lancashire que foi executado por participar da trama papista para levar Derby ao trono da Inglaterra (HOLDEN, 2003, p. 130).

zou competências no seu reinado, as indicações de cargos aos súditos lhe ofereceu tranquilidade no comando da corte (MENDES; PRADO, 2019). Tranquilidade de comando que é notado na crítica de Bradley (2009, p. 100), ou seja, dois súditos procuraram proteger o rei: “Rosencrantz e Guildenstern falam a Cláudio da necessidade imperiosa de proteger-lhe a vida, que era inestimável, como se a loucura de Hamlet tivesse se revelado agora claramente homicida.”.

É notório na personagem Claudius a recepção e entrosamento dele enquanto rei com a população – notório do Ato II/Cena II quando elabora uma confraternização noturna, é notório também na Cena V/Ato IV quando Claudius conquista a população e Laertes⁶¹. Como evidencia Heliadora (2004, p. 244) sobre a intenção de Shakespeare voltada à representação política elisabetana e sua realização com a escrita da personagem Claudius: “Ao longo de toda a sua carreira, Shakespeare deixará claro seu conceito de bom governo: aquele que zela pelo bem da comunidade. O bom governante é o que atende os interesses de seus súditos.”. A partir da realidade de Shakespeare, a personagem Claudius seguiu essas táticas escritas por Heliadora (2004).

Levando em consideração a realidade do tempo de Shakespeare, o bardo escreveu a personagem Claudius como um atuante na realização do assassinato do irmão – talvez buscou representar o assassinato de Mary I por Elizabeth I (GEORGE, 2012). Apenas outra força causou a revelação do ato que impulsionou Claudius ao trono dinamarquês hamletiano: o fantasma – Shakespeare procurou também escrever/representar os conflitos entre as religiões: anglicana, cristã e protestante.

3. A representação política shakespeariana na escrita da personagem Claudius, na peça “Hamlet” (1601)

Houve uma mudança institucional no comando da coroa dinamarquesa hamletiana renascentista realizada por Claudius – semelhança representativa com os reinados Essexiano da medieval Mary I e da medieval e renascentista Elizabeth I. Tal mudança é perceptível na divisão elaborada pelo medievalista e renascentista Claudius – considerando assim como acima foi supracitado o período de elaboração da peça por Shakespeare, ao dividir os súditos em funções para o funcionamento do reino,

⁶¹ Em nenhum momento mostra covardia e, quando Laertes e a multidão invadem o palácio, enfrenta a perigosa situação de forma serena e hábil (BRADLEY, 2009, p. 123).

inclusive no Ato I/Cena II e Ato II/Cena II, nota-se a permanência aos cargos de embaixadores dos súditos Voltimand e Cornelius.

Críticos⁶²Shakespeariano como Bloom (2004) e Heliadora (2004) elaboram a crítica contra as ações do então rei dinamarquês, em “Hamlet” (1601). Segundo Bloom (2001, p. 483), Claudius agiu a favor de seu romance com Gertrude e sua ânsia em possuir o trono da Dinamarca hamletiana: “Cláudio sente-se plenamente satisfeito por ter o sobrinho como herdeiro; podre como está à Dinamarca, Cláudio tem tudo o que sempre desejou: Gertrude e o trono.”.

Claudius, a partir de suas realizações enquanto rei é taxado pela crítica de Heliadora (2004, p. 138) como uma inteligência que corporifica o mal: “Cláudio, o Rei, é um antagonista impressionante, uma força e uma inteligência que corporifica o mal.”. É uma crítica contrária a de Bradley (2009, p. 123), que vê em Claudius uma atuação reinante bastante favorável a excelência no poder dinamarquês hamletiano: “Sua consciência, ainda que inoperante, está longe de morta (...) Por outro lado, não se trata de uma personagem trágica”.

Bloom (2004, p. 70), comparado com Heliadora (2004), se refere ao antiprofissionalismo de Claudius, referindo à personagem como amorador: “(...) não passando de um assassino amador”. Talvez, Bloom (2004) não levou em consideração a vontade que possuía Claudius de alcançar o poder real como visto nas proposições apresentadas por Heliadora (2005). O ato de fratricídio de Claudius não passava da realidade daquele século, na Inglaterra – a experiência de Shakespeare ao representar a sua realidade na peça. O exemplo da representação feita pelo bardo, segundo Heliadora (2005, p. 54-5), foi à entrada de Elizabeth I⁶³ como rainha no trono inglês: “Ao morrer a amarga, frustrada e estéril Mary, subiu ao trono sua irmã Elizabeth, filha de Ana Bolena e, portanto, o próprio símbolo vivo da cisão com Roma.”. Como visto por Heliadora (2005), a Inglaterra passava por uma turbulência política na época – determinar o porte de puro assassino a Claudius é uma inequívoca interpretação da peça. Heliadora (2004) aponta,

As dezenas de imagens de podridão, proliferação desordenada de ervas daninhas, de câncros, de degenerescência e putrefação nascem da ocupa-

⁶² Shakespeare não tem heróis; suas cenas são ocupadas apenas por homens que agem e falam como o leitor imagina que ele próprio teria falado ou agido nas mesmas circunstâncias (JOHNSON, 1996, 38).

⁶³ [...] imagina-se comumente que o reinado de Elizabeth tenha sido um tempo de magnificência, formalidade e contenção [...] (JOHNSON, 1996, p. 46).

ção do trono por um assassino – que, à traição, com um veneno derramado no ouvido do monarca adormecido que se espalhou por suas veias, matou o rei – e volta nossa atenção para a corrupção no Estado que nasce com o mau governo. (HELIODORA, 2004, p. 138-9)

Claudius elabora e pratica a constante ordem de governança em pleno renascimento, séculos XVI. Segundo Santos (1965), Claudius extingue a possibilidade de reinado com o sobrinho, onde tudo que ocorreria seria só ele o alto comandante, e a maioria das cenas ocorreram a seu favor.

O Rei Cláudio era usurpador? A controvérsia nasceu do seguinte raciocínio: morrendo Hamlet I, substituí-lo-ia naturalmente no trono o filho, pois deveria tratar-se de uma monarquia hereditária ou Hamlet assumiria o trono, passando a governar juntamente com o tio. (SANTOS, 1965, p. 182)

Considerando essa elaboração da prática política de Claudius em ultrapassar o irmão e para Frye (2011), Claudius até reproduziu a cultura apresentada na obra *Édipo Rei* por volta de 427 a.C. para procurar mostrar um reinado oposto ao do irmão. Claudius matou o irmão e chegou a casar-se com a cunhada/rainha Gertrude. O então rei pratica tal ação, cumpre e satisfaz o desejo do sobrinho segundo Freud *apud* Frye (2011). Claudius também desenvolveu grandes realizações pessoais. Segundo Frye (2011):

Os críticos freudianos logo perceberam está numa clássica situação edípica com relação aos pais, e sugeriram que ele se paralisa ao tentar se mover contra Cláudio, porque Cláudio satisfaz os desejos edípicos de Hamlet, ao matar o pai e se casar com a irmã. (FRYE, 2011, p. 114)

A maioria dos críticos literários Shakespearianos desenvolveram suas críticas firmadas, exclusivamente, nas ações do príncipe Hamlet. Talvez, esses críticos não notaram o monarca fortíssimo que é representado por Claudius. Frye (2011, p. 118) afirma tal possibilidade de visão favorável a essa personagem: “Se conseguíssemos esquecer o que Cláudio fez para se tornar rei, poderíamos vê-lo de forma que todos (...) o vemos: como um monarca forte e encantador”. Tal força favorável ao porte de Claudius torna-se uma espécie de voz que o impulsiona a tal prática da ação que o fez levá-lo ao trono. Afirma Frye (2011, p. 120), “Aquela voz fria que toma conta de Cláudio diz claramente: “Não seja tolo””.

Além dessa força presente em Claudius, segundo Frye (2011) como citação acima e Heliadora (2004, p. 137), Claudius é dotado de valores morais: “Cláudio, o rei assassino, é a única pessoa dotada de valores morais na obra”. Como rei é uma figura que pratica suas ações adequadas

damente e pratica bem suas tarefas enquanto rei (Cf. MENDES; PRADO, 2019). Talvez, Shakespeare fundamentado na sua experiência temporária segundo Heliadora (2005), quis fundamentar-se e representar nas práticas políticas do século XVI na escrita da personagem Claudius para conseguir o poder dinamarquês na peça “Hamlet” (1601). Segundo Heliadora (2004) o príncipe Hamlet não podia, seguindo a representação da prática política cultural de Elizabeth I, matar Claudius a pedido de um fantasma.

E, no reinado de Elizabeth I, seria inaceitável que um príncipe matasse um rei sobre o que não recaía qualquer suspeita e depois proclamasse que o havia feito por vingança, a pedido de um fantasma [...]. (HELIADORA, 2004, p. 139)

4. *Grammaticus à Shakespeare: a reescrita de Shakespeare como representação real inglesa e xessiana*

Sobre algumas cenas nas quais Shakespeare rescreveu e escreveu em outras a personagem Claudius, Knight (1967), crítico shakespeariano, elogia Claudius, pois o governo da Dinamarca hamletiana funcionou perfeitamente e, destaca também, Claudius não era o inimigo do príncipe Hamlet. Knight (1967) concentrou também nas virtudes de Claudius enquanto rei, pois os defeitos e qualidades são impostos a personagem enquanto a seu cargo. Knight (1967, p. 38) continua reafirmando as qualidades da personagem: “mas eu diria claramente que, no movimento da peça, seus defeitos são impostos a ele, e ele se distingue pela ação criativa e sábia, um senso de propósito, benevolência, uma fé em si mesmo e nos que o cercam”.

Talvez Shakespeare, após ter lido *Grammaticus*, realizou determinadas alterações políticas na peça “Hamlet” (1601) sobre a personagem Claudius. Shakespeare possivelmente com as influências de *Grammaticus*, teve também, talvez, os ensinamentos através da leitura de Plutarco. Ao ler a peça de Shakespeare, notar-se-à a agressividade política e existencial entre os dois irmãos: rei Claudius e rei Hamlet (Updike elabora seu trabalho romântico em *Gertrude and Claudius* (2000) também com tal percepção). Os fatores que impulsionaram a inimizade política entre ambos irmãos são bem trabalhados por Plutarco (1997), talvez, Heliadora (2005) tenha considerado esse autor ao citá-lo na sua escrita.

As atribuições de Claudius como sujeito público, considerando também a releitura de Updike (2000), foram bem planejadas e praticadas: nomeações de súditos; práticas diplomáticas internacionais e nacionais;

conforto de sua população – devido ao príncipe Hamlet, Claudius não obteve tanto êxito nas suas funções internas e uma externa. Então podemos concordar com Heliodora (2005), Plutarco foi referência na escrita de Shakespeare – na atuação diplomática de Claudius.

Existem caminhos críticos para seguir a interpretação política da personagem Claudius, entre esses caminhos são distáveis: capacidade positiva e negativa; e o caminho da modificação no comando da coroa dinamarquesa hamletiana. Ou seja, na época medieval as ações reais eram representadas pela figura do soberano, em Grammaticus: o rei Hamlet e no Renascimento, período onde a obra shakespeariana foi escrita e rescrita: pelo rei Claudius. Portanto, a mudança na história humana depende das ações humanas, por isso, Shakespeare representou com a escrita da peça “Hamlet” (1601) a mudança histórica que ocorreu entre os séculos XV e XVI na Inglaterra. Essas mudanças históricas – mudança de épocas – ocorreram, na peça, quando um rei de características mais populares – Claudius – decide praticar seu mandato.

Na prática do governo, é visto como descrito anteriormente, Claudius foi mais prático na ordenação do poder, se comparado com as práticas do rei Hamlet – ao considerar a escrita de Grammaticus e a crítica de Updike (2000). Mas, para a obtenção do cargo reinante, Claudius desviou religiosamente da capacidade – como supracitado, pois praticou assassinato/fratricídio para governar a Dinamarca hamletiana. Na obtenção desse poder, Claudius não se tornou um exemplo ao considerar a cultura religiosa para governar. Ao analisar tal crítica, pode-se perceber que a evolução no reino se deu, primordialmente, devido à derrubada e predominância de algumas tradições muito fortes, como: o classicismo, o antropocentrismo, o racionalismo e o hedonismo, como trabalham Mendes e Prado (2019).

Claudius, considerando o classicismo e o hedonismo supracitados, alimentou ambas as tradições culturais quando realizou um encontro noturno para bebidas e comidas a vontade. Ou seja, possuindo predominâncias para a curtição, Claudius alimenta o prazer de todos propondo a curtição noturna. Prazer que, possivelmente, firmaria o compromisso da população de Elsinore para a estabilidade do reino e seu rei. Essa mudança no poder é notável por Amora (2006), quando destaca essa alteração no reinado, na forma de governar. Afirma Amora (2006, p. 283) que “o novo rei parece bem diferente do anterior” (rei Claudius como novo rei), pois o rei Hamlet “gostava de participar da conquista de novos territórios”.

Claudius, exceto com o sobrinho, possuía ótimas relações com os servos. Foi notável na trama duas fugas temperamentais da personagem Claudius do seu temperamento exigido pelo seu cargo, fugas identificadas pela crítica literária shakespeariana: quando percebe as ações do sobrinho para derrotá-lo enquanto rei e sua clemência frente à imagem religiosa da época.

5. *Conclusões finais*

Shakespeare revela os aspectos políticos de Claudius e faz revelações políticas muito relevantes para a interpretação do leitor da personagem Claudius. Entende-se, considerando as ações de Claudius, que as alternativas para alcançar o poder nos séculos XV e XVI eram diversas e muito consideradas entre familiares. O papel religioso não tinha muita referência nas atuações das personagens, exceto em Claudius, que arrependido dos seus atos, solicita nas orações um perdão divino.

A experiência, portanto, de Claudius o leva ao porte de um rei experiente nas ações políticas. Demonstra tal experiência quando considera a prática do exercício e capacidade de entrosamento de Polonius; quanto às nomeações reais do funcionalismo da coroa; quanto à permanência silenciosa de Gertrude e de Ophelia – século XVI; quanto à aquisição e o envio de embaixadores à Noruega e Inglaterra para atividades reais; quanto à atribuição de funções temporário a Laertes; e, logo depois da tentativa de Laertes de revelar e colocar a população contra Claudius, Claudius se envolve com o povo através de banquete.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORA, M. *Hamlet: a difícil arte de decidir*. Osasco: Novo Século, 2006.

BLOOM, H. *Shakespeare: a invenção do humano*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

_____. *Hamlet: poema ilimitado*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

_____. *O Cânone Ocidental*. Trad. de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

BRADLEY, A. C. *A tragédia shakespeariana*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

FRYE, N. *Sobre Shakespeare*. São Paulo: Universidade do Estado de São Paulo, 2011.

FOUCAULT, M. *Estratégia, Poder-Saber*. Trad. de Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. *O que é um autor?* Trad. de José Miranda e Antônio Cescais. Lisboa: Veja, 2002.

_____. *A Ordem do Discurso*. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1999.

GEORGE, M. *Elizabeth I: o anoitecer de um reinado*. Trad. de Iara Freitas. São Paulo: Geração, 2012.

GRAMMATICUS, S. *The history of the Danes*. Goiania: English, 2013.

HELIODORA, B. *O homem político em Shakespeare*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

_____. *Reflexões shakespearianas*. Rio de Janeiro: Lacerda, 2004.

HOLDEN, A. *Shakespeare*. São Paulo: Ediouro, 2003.

JOHNSON, S. *Prefácio a Shakespeare*. São Paulo: Iluminuras, 1996.

KERMODE, F. *A linguagem de Shakespeare*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

KNIGHT, W. *The wheel of fire*. London: Routledge Classics, 1967.

MAQUIAVEL, N. *O Príncipe*. Tradução por Hingo Weber. São Paulo: Escala Educacional, 2006.

MENDES, A. O. PRADO, T. M. *Maquiavel em/e Shakespeare: releituras da personagem Claudius*. Mauritius: Novas Edições Acadêmicas, 2019.

NUTTALL, A. D. *Shakespeare: the thinker*. Yale University Press: London, 2007.

PLUTARCO. *Como Tirar Proveito de seus Inimigos*. Trad. de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SANTOS, M. H. *Considerações sobre Hamlet*. Manaus: MP, 1965.

SHAKESPEARE, W. Hamlet. In: _____. *The complete works of William Shakespeare*. New York: Barnes & Noble, 2015.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

UPDIKE, J. *Gertrude and Claudius*. New York: The Ballantine Publishing Group, 2000.